

HISTÓRIA, CRISE AMBIENTAL E

VULNERABILIDADES SOCIAIS

PUC Goiás / 2 a 6 de maio de 2022/ Formato híbrido

## TESTEMUNHOS DE FÉ: A ICONOGRAFIA RELIGIOSA NOS CEMITÉRIOS PIAUIENSES.

ROSA, Mariana Antão de Carvalho<sup>1</sup>

### **Resumo:**

Nos cemitérios, a efemeridade da carne pouco a pouco vai sendo substituída pela solidez quase imutável da pedra. Em parte, por isso, ao erigir uma sepultura, os homens não estão apenas conferindo um abrigo para os seus mortos, mas fabricando um ato de resistência contra a finitude da vida. Por meio de epígrafes e da arte tumular, buscam perpetuar suas memórias, reafirmam a crença na ressurreição, confirmam alguns dogmas e dão testemunhos de fé. Devido isso, os cemitérios, especialmente aqueles que tiveram origem no século XIX, se tornaram espaços públicos, simbólicos e afetivos que permite estudar a memória, identidade, história, arte, mas também a religião e religiosidades das sociedades em uma determinada época. Imbuídos dessa compreensão, propomos investigar e apresentar parte da iconografia religiosa que aparece em alguns dos cemitérios piauienses oitocentistas a exemplo do cemitério da Igualdade de Parnaíba, Santíssimo Sacramento em Oeiras e São Pedro de Alcântara em Floriano. Observamos especialmente as diversas formas de cruz buscando identificar seus significados e algumas alegorias teológicas em que esse símbolo do cristianismo aparece, enquanto testemunhos de fé gravados na pedra que podem nos ajudar a compreender o imaginário religioso de alguns dos piauienses que viveram no século XIX.

**Palavras-chave:** Iconografia religiosa; Cruz; Alegoria; Cemitérios; Piauí.

---

<sup>1</sup> Doutoranda pelo Programa de Pós Graduação em História Social da Universidade Federal de Goiás PPGHIS-UFG sob orientação da Professora Dra. Maria Elizia Borges, e-mail: [antaomariana11@gmail.com](mailto:antaomariana11@gmail.com).

# HISTÓRIA, CRISE AMBIENTAL E

## VULNERABILIDADES SOCIAIS

PUC Goiás / 2 a 6 de maio de 2022/ Formato híbrido

### 1. Considerações iniciais.

O verde fechado dos numerosos pés de sete copas<sup>2</sup> que adornavam as singelas ruas de Floriano<sup>3</sup>, fornecendo sombra aos moradores que, ao entardecer, costumavam sentar nas calçadas para tomar nota dos acontecimentos citadinos, contrastava com o cinza pálido e triste do céu de janeiro. O ano de 1908 caminhava a passos lentos, quando no décimo quarto dia as irmãs da família Queirós foram transpassadas pela dor de uma fatalidade quase inimaginável, perderam o pai e a mãe de uma só vez<sup>4</sup>. O Capitão Marinho Rodrigues de Queirós, nascido em 18 de julho de 1847, contabilizava 60 anos naquela data, já sua esposa, D Francisca de Souza Queirós, era bem mais jovem, nascida em 10 de outubro de 1865, faleceu quando tinha 42 anos.

Cumprindo os ritos fúnebres que tradicionalmente eram organizados para que os mortos fossem integrados ao seu novo lugar, ao passo em faziam parte do processo de acomodação da dor causada pela perda física de alguém próximo (REIS,1997, p.96), as filhas inumaram os corpos de seus pais no Cemitério São Pedro de Alcântara<sup>5</sup> em duas covas posicionadas uma ao lado da outra. Algum tempo depois, como forma de cuidado e testemunho de saudades, mandaram erigir naquele local dois jazigos de padrão semelhante onde as lápides sobressaiam em poucos centímetros o nível do chão.

Entre elas, na altura da cabeceira, foi colocada uma composição escultórica compartilhada. Como elemento central, há uma cruz latina enfeitada por uma coroa de flores e folhas finalizada por um laço cuja pontas possuem franjas e, ao centro, parece existir uma espécie de medalhão (Figura 01).

---

<sup>2</sup> Trata-se de uma árvore que mede em média 12 a 35 metros de altura, possui copa larga que surgem em espaços regulares do tronco. Dependendo da localidade, recebe diferentes nomes como Amendoeira, Castanhola, Chapéu-de-sol, Figueira-da-índia e sete-copas.

<sup>3</sup> Cidade do interior piauiense, distante 274 km da capital, Teresina. Foi elevada a categoria de cidade no ano de 1897 e o nome é uma homenagem ao ex-presidente Floriano Peixoto, o Marechal de Ferro.

<sup>4</sup> A data de falecimento foi escrita nas duas lápides, no entanto, a lápide do Capitão Marinho apresenta restos de outras sepulturas demasiadamente pesados que encobrem apenas o dia do seu falecimento, o mês e o ano coincidem com a informação disposta na lápide de D. Francisca. Com isso, de forma temporária, enquanto não encontramos informações adicionais, supomos que o dia do falecimento também coincide.

<sup>5</sup> Cemitério mais antigo de Floriano.

# HISTÓRIA, CRISE AMBIENTAL E VULNERABILIDADES SOCIAIS

PUC Goiás / 2 a 6 de maio de 2022/ Formato híbrido



Figura 01- Monumento erigido sobre a sepultura de D. Francisca de Souza Queirós e o Capitão Marinho Rodrigues Queirós (1908). Cemitério São Pedro de Alcântara, Florianópolis - PI, 2022.

Fonte: Mariana Antão de Carvalho Rosa.

A Cruz agrega em si a simbologia da morte e ressurreição de Cristo. Segundo a escatologia cristã, o filho de Deus foi morto, de morte na cruz, para que os homens alcançassem o perdão de seus pecados e também a vida eterna no Cristo ressuscitado. Com isso, ela tornou-se o símbolo maior do cristianismo e a sua forte presença nos cemitérios aponta para a apropriação católica das necrópoles monumentais (CATROGA, 1999, p.113). Representa a dor, a paixão, mas principalmente, a esperança em um Cristo misericordioso que venceu a morte para salvar seus filhos e tornar possível a vida eterna. Sobre a cruz, e seus diferentes tipos de representação Dalmáz explica que:

Esta pode aparecer em forma de T, sendo neste caso chamada de Tau, simbolizando a serpente fixada em uma estaca, ou a morte vencida pelo sacrifício. Outra representação é a cruz com haste transversal, em que seus quatro braços significariam o conjunto da humanidade atraída por Cristo nos quatro cantos do mundo, bem como as virtudes da alma humana. O fato de ficar enterrada no chão simbolizaria a fé assentada em profundas fundações. A parte superior da cruz indicaria a esperança que sobe ao céu. Além disso, seus braços abertos demonstrariam a caridade que se estende a todos (DALMÁZ, In BELLOMO, 2008, p.101-102)

# HISTÓRIA, CRISE AMBIENTAL E

## VULNERABILIDADES SOCIAIS

PUC Goiás / 2 a 6 de maio de 2022/ Formato híbrido

Em meio a multiplicidade de representações da cruz, devemos explicar que a fotografia do monumento erigido entre as sepulturas de D. Francisca de Souza Queirós e o Capitão Marinho Rodrigues Queirós é bastante representativa para esse trabalho pois o ângulo em que foi registrada possibilitou visualizar, em segundo e terceiro plano, duas outras formas de cruces colocadas nas sepulturas próximas àquela. Esses modelos comumente aparecem nos cemitérios piauienses. Trata-se de uma cruz latina em alvenaria e uma outra em mármore branca com a escultura em bronze de cristo morto, também denomina de crucifixo, simboliza o instrumento de salvação para os cristãos. (BORGES,2017, p.270).

Apesar do seu significado fundamental, nos cemitérios, de acordo com os demais elementos iconográficos<sup>6</sup> acoplados, a Cruz pode enfatizar diferentes formas de assimilação da morte. Sobre isso, Maria Elizia Borges explica que os adornos são importantes para a construção do monumento e para a assimilação da ideia de morte acolhedora que se desenhou nos anos oitocentistas.

Os adornos exercem um papel relevante na estrutura construtiva do monumento funerário. A compreensão do significado simbólico dos ornatos adotados na arte funerária facilita, sem dúvida, a assimilação da ideia de morte acolhedora expressa nos séculos XIX e XX. Eles contribuem para reforçar a melancólica beleza dos túmulos, sentimento advindo do Romantismo. São considerados, de antemão, elementos decorativos. Também reforçam a epopeia do otimismo burguês – a autocelebração do defunto, consequentemente o anseio dos familiares de monumentalizá-lo perante a comunidade (BORGES, p.285).

Como exemplo, no jazigo da família Queirós, a cruz aparece ornada por uma coroa de flores esculpida em pedra. Esse adorno indica a “alegria divina, são comumente empregadas para representar a vitória da alma humana sobre o pecado e a morte. Elas são compostas de várias flores como rosas, lírios, margaridas e azevinhos, geralmente arrematadas por um laço de fita.” (BORGES, p.289)

---

<sup>6</sup>Faz referência a elementos gráficos presentes nas sepulturas como os adornos e ornatos. No presente trabalho, fazemos uso da iconografia e também da iconologia enquanto metodologias distintas e complementares bastante discutidas por Erwin Panofsky. Segundo o historiador da arte, a iconografia apresenta um caráter descritivo que se torna importante elemento do trabalho histórico na medida em que cataloga e inventaria as evidências. Já a iconologia busca interpretar a iconografia, tirando-a do isolamento. Trata-se de uma análise mais profunda e contextual (PANOFSKY, 1976).

# HISTÓRIA, CRISE AMBIENTAL E

# VULNERABILIDADES SOCIAIS

PUC Goiás / 2 a 6 de maio de 2022/ Formato híbrido

Na arte funerária, cada detalhe pode ser revelador, os laços, por exemplo, comumente utilizados em momentos festivos, relembram o ato de amar algo, dessa forma, apontam para a união fraterna, matrimonial ou mesmo a construção de um elo entre o céu e a terra. São um indicativo da felicidade, energia, força, justiça, fortuna e fazem alusão ao divino (DICIONÁRIO DOS SIMBOLOS, 2022).

Podemos dizer que, da forma como foi adornada, a Cruz do jazigo da família Queirós assume um sentido relacionado a esperança e crença na salvação. A partir desse exemplo é possível compreender como a Cruz enquanto elemento escultórico comum e fundamental pode assumir diferentes formas e significados na arte funerária. Imbuídos dessa compreensão, propomos apresentar parte da iconografia religiosa que aparece em alguns dos cemitérios piauienses oitocentistas a exemplo do cemitério da Igualdade de Parnaíba, Santíssimo Sacramento em Oeiras e São Pedro de Alcântara em Floriano. Voltaremos nossa análise, especialmente, para as diversas formas de Cruz e suas variações de significado. Observaremos também a presença desse símbolo como elemento central na alegoria da fé.

Em um primeiro momento, buscaremos revisitar os processos que levaram a transformação das necrópoles enquanto palco para a realização de práticas religiosas, onde se inserem símbolos que reafirmam dogmas da religião oficial. Em seguida, analisaremos as diferentes formas de cruz que aparecem em alguns dos cemitérios piauienses oitocentistas enquanto testemunhos de fé gravados na pedra que podem nos ajudar a compreender o imaginário religioso de alguns dos piauienses que viveram no século XIX.

## **Cemitérios: história, arte, devoção e religiosidade**

A longa história dos cemitérios é marcada por tramas, profundos discursos teológicos e higienistas, crises, motins e muitas mudanças quanto ao estabelecimento de sua localização adequada. Durante a antiguidade clássica, os mortos eram distanciados dos vivos e não faziam parte de suas cidades. Quanto a diferença entre a inumação de cristãos e não cristãos, Ariès nos oferece o seguinte panorama: “Os cristãos foram de

# HISTÓRIA, CRISE AMBIENTAL E

## VULNERABILIDADES SOCIAIS

PUC Goiás / 2 a 6 de maio de 2022/ Formato híbrido

início enterrados nas mesmas necrópoles que os pagãos, em seguida ao lado dos pagãos, em cemitérios separados, sempre fora da cidade” (ARIÈS, 2014, p. 40)

Com isso, desde seu primórdio, o cristianismo “impôs-se como uma religião inumista” (CATROGA, 1999, p. 41). No entanto, apenas no início e durante a idade Média é que foi se configurando a prática da sepultura *ad sanctos*, ou seja, o enterramento no interior ou mesmo no adro das igrejas. Essa forma de inumar se consolidou de modo tão intenso que se fez presente também nas antigas colônias europeias do além-mar até, aproximadamente, a segunda metade do século XIX pois:

As igrejas eram a Casa de Deus, sob cujo teto, entre imagens de santos e de anjos, deviam também se abrigar os mortos até a ressurreição prometida para o fim dos tempos. A proximidade física entre cadáver e imagens divinas, aqui embaixo, representava um modelo da contiguidade espiritual que se desejava obter, lá em cima, entre a alma e as divindades. A igreja era uma das portas de entrada do Paraíso. (REIS, 1991, P.171).

Apesar do imaginário popular eleger a igreja e seus arrabaldes como o lugar mais adequado para o enterro naquele período, de forma processual, a campanha iluminista contra a sepultura *ad sanctos* foi se propagando pelos diversos países da Europa e se fazendo notar na legislação. Ainda em 1778, Luís XVI proibiu as inumações nas igrejas. Em seguida, leis semelhantes foram publicadas na Suécia, Espanha, Itália e apenas mais tardiamente na Grã-Bretanha. Em Portugal, a implantação dos cemitérios extramuros gerou motins que ficaram conhecidos como “cemiteradas” na década de 30 do alvoreçado século XIX. (CATROGA, 1999, p.43 a 45).

Esse é o momento de formação dos cemitérios históricos e monumentais que observamos comumente nas cidades mais antigas do Brasil (RODRIGUES, 2020, p.22). Eles foram construídos fora do perímetro urbano<sup>7</sup> como lugares devidamente higienizados e adequados para a recepção dos corpos sem vida. No entanto, apesar de terem sido gestados como campos secularizados, parte dos homens oitocentistas reproduziram nesses lugares o mobiliário fúnebre utilizados nas igrejas, ou seja, o

---

<sup>7</sup> Estamos nos referindo ao perímetro urbano inicial das cidades pois muitos cemitérios que foram construídos em espaços afastados acabaram sendo envolvidos pelo crescimento do tecido urbano e hoje fazem parte de seu centro histórico. Como exemplo disso, podemos citar o Cemitério São José em Teresina.

# HISTÓRIA, CRISE AMBIENTAL E

## VULNERABILIDADES SOCIAIS

PUC Goiás / 2 a 6 de maio de 2022/ Formato híbrido

cruzeiro, as cruces, imagens marianas, anjos, santos, todos esses elementos foram transportados para os Cemitérios. Com isso, eles também se tornaram espaços simbólicos e afetivos que permitem estudar a memória, identidade, história, arte, mas também a religião e religiosidades das sociedades em uma determinada época.

Sobre isso, é interessante ressaltar que a demarcação do lugar do enterramento com estruturas escultóricas e a existência de uma arte funerária estão relacionados ao desejo de dissimular, mascarar a morte. É uma forma de atribuir beleza ao horror, romantizar aquilo que é incomodo e indecifrável:

As esperanças escatológicas semeadas pela religião judaico-cristã encontram na descida à terra a mediação adequada à crença na ressurreição final dos corpos. Por isso, a inumação é inseparável de um ritualismo que tem nas práticas de conservação, de simulação e de dissimulação as suas atitudes simbólicas mais significativas, características que podem ajudar a compreender o cariz predominantemente monumental dos cemitérios cristãos e os fortes elos existentes entre a morte e a memória (CATROGA, 199, p.13)

Assim, nos cemitérios, a efemeridade da carne pouco a pouco vai sendo substituída pela solidez quase imutável da pedra esculpida em símbolos que afirmam a vitória da vida sobre a morte. Em parte, por isso, ao erigir uma sepultura, os homens não estão apenas conferindo um abrigo para os seus mortos, mas fabricando um ato de resistência contra a finitude. Por meio de epígrafes e da arte tumular, buscavam perpetuar suas memórias, reafirmavam a crença na ressurreição, confirmavam alguns dogmas ao passo em que também poderiam está fornecendo testemunhos de Fé.

### 3. “Entre rosas e espinhos”: a cruz nos cemitérios Piauienses

Faz se necessário explicar que as imagens apresentadas no presente estudo são um pequeno fragmento da pesquisa em curso no território do Piauí estruturada com o objetivo de investigar as peculiaridades da arte tumular encontrada no estado<sup>8</sup>. No âmbito dos

---

<sup>8</sup> Trata-se da pesquisa de doutorado atrelada ao Programa de Pós-graduação em História Social (PPGH) da Universidade Federal de Goiás(UFG), sobre orientação da Prof. Dra. Maria Elizia Borges e que foi temporariamente intitulada como “Cemitérios do Piauí: história, memória, arte e sensibilidades oitocentistas”.

# HISTÓRIA, CRISE AMBIENTAL E VULNERABILIDADES SOCIAIS

PUC Goiás / 2 a 6 de maio de 2022/ Formato híbrido

cemitérios já catalogados, o da Igualdade, em Parnaíba, é o que mais apresenta diferentes modelos de cruz. A exemplo, no jazigo de Claro Ferreira de Carvalho e Silva e sua família é possível observar um monumento funerário que tem como base um bloco em mármore branca onde foi esculpido a simulação de um amontoado de pedras. Provavelmente, trata-se de uma alusão ao monte calvário pois em seu topo foi colocada uma cruz formada por duas barras cilíndricas entrecruzadas. Elas lembram troncos de árvores, o que acaba conferindo naturalidade e rusticidade à cena. Aos pés da cruz, crescem botões e uma rosa já desabrochada inclina-se levemente para o lado (figura 03).



Figura 03- Monumento erigido sobre a sepultura de Claro Ferreira de Carvalho E Silva e Sua Família (1919). Cemitério da Igualdade, Parnaíba - PI, 2022. Fonte: Mariana Antão de Carvalho Rosa.

Aqui devemos destacar que as flores estavam presentes nos rituais funerários de múltiplas civilizações ancestrais “decorando tumbas etruscas na Turquia até as flores-de-lótus nas tumbas dos faraós do Egito” (RODRIGUES, 2020, p.184). Desde a antiguidade, elas vêm sendo associadas a efemeridade da vida. Como exemplo, nos textos bíblicos, é possível encontrar a seguinte menção “O homem nascido de mulher tem vida curta cheia de inquietação. Ele se abre como flor, e logo murcha” (Jó 14, 1-3). Assim, as flores estão atreladas a representações do ciclo vital pois nascem como um botão, desabroçam, envelhecem e morrem. Portanto “o seu uso não foi (nem é) o produto de um mero



# HISTÓRIA, CRISE AMBIENTAL E

## VULNERABILIDADES SOCIAIS

PUC Goiás / 2 a 6 de maio de 2022/ Formato híbrido

convencionalismo, pois remete para uma simbólica reparadora e revivificadora que, ao religar a vida e a morte num destino comum, simula a crença na permanente renovação da natureza” (CATROGA, 1999,128).

Para além disso, as flores são um símbolo da beleza, pureza, fertilidade, natureza, criação, harmonia e perfeição espiritual (DICIONÁRIO DOS SIMBOLOS, 2022). Dar uma flor para alguém é um gesto de ternura, tanto que remonta do século XVI o hábito de colocar flores sobre, dentro do caixão ou mesmo na cova como demonstração de carinho dos que ofertam (BORGES, p.298). Na arte funerária, a simbologia e ternura das flores naturais são sedimentados e perpetuados nas esculturas de pedra.

É interessante ressaltar ainda que cada espécie de flor tem um significado específico “os cravos, o amor puro; os jasmims, a graça, a elegância e a amabilidade; e as violetas, a humildade” (CATROGA, 1999,132). A Rosa, esculpida delicadamente na sepultura apresentada acima, é a flor mais facilmente identificada nos cemitérios piauienses catalogados. Embora, em um primeiro momento, estivesse atrelada ao culto de Vênus pelos pagãos, com o passar do tempo, foi apropriada pelos cristãos recebendo vários significados como a discrição no início do cristianismo, o próprio sangue e a paixão de cristo. Pode evocar o renascimento místico, a virgindade feminina e, por isso, é um símbolo de Maria e do amor (DALMÁZ, in BELLOMO, p.104). Na arte cemiterial, quando a rosa aparece em formato de botão, pode ser indicativo de uma vida muito jovem que não chegou a desabrochar e já se encerrou, por isso, é um comum no túmulo de senhoritas<sup>9</sup>.

No monumento da família Ferreira de Carvalho, ainda é possível observar que sobre a cruz há uma pomba. Ela foi esculpida de forma que parece se preparar para um novo voo. Esse pássaro é bastante significativo para o cristianismo e aparece em algumas passagens bíblicas. Por vezes representa a conciliação com Deus, e por isso, passou a ser um símbolo da paz. Em outros momentos, “significa o Espírito Santo, que assume a forma de pomba no batismo de Cristo. Com esta última representação, portanto, a pomba também assume o significado da alma no estado celestial” (DALMAZ, 2008, p.105)

---

<sup>9</sup> Usamos o termo para designar as jovens solteiras.

# HISTÓRIA, CRISE AMBIENTAL E VULNERABILIDADES SOCIAIS

PUC Goiás / 2 a 6 de maio de 2022/ Formato híbrido

O conjunto escultórico que atrela a cruz a elementos como as flores e a pomba está associada a uma mensagem esperançosa e romântica a despeito do morrer. Aqui foram ressaltados não a dor, mas a alegria e crença no início de uma nova vida. Essa temática é abordada de modo diferente em outras cruzes encontradas no mesmo cemitério (figura 04).



Figura 04- Monumento erigido sobre a sepultura de Euclides Godofredo da Silva Miranda (1861-1918) a esquerda e a direita Monumento erigido sobre a sepultura de Maria Clara Dias D Almeida (1863-1914) Cemitério da Igualdade, Parnaíba-PI, 2022. Fonte: Mariana Antão de Carvalho Rosa.

À esquerda, a cruz latina, erigida sobre a sepultura de Euclides Godofredo da Silva Miranda, aparece semicoberta pela simulação de um tecido com caimento volumoso esculpido no mármore branco. É possível que essa seja uma alusão ao *velatio*<sup>10</sup>, ou seja, o costume de cobrir as imagens sacras com um pano roxo e o crucifixo com um pano branco a partir do quinto domingo da quaresma, antes do início da semana santa. Essa tradição remonta do século IX, em um contexto onde a devoção aos santos e santas era bastante intensa. Com isso, cobrir as imagens pode ser entendido como um recurso pedagógico para chamar a atenção para a vivência da semana santa, quando a igreja católica celebra a paixão, morte e ressurreição do senhor (VALLE, 2017). O pano que envolve a cruz também pode ser uma alusão a vestimenta usada por Cristo durante o Calvário, o abandono desta, lembra a vitória sobre a morte.

<sup>10</sup> Palavra em latim que significa velação ou cobrimento.

# HISTÓRIA, CRISE AMBIENTAL E

## VULNERABILIDADES SOCIAIS

PUC Goiás / 2 a 6 de maio de 2022/ Formato híbrido

Já na imagem à direita, a cruz escolhida para ornar a sepultura de Maria Clara Dias D. Almeida, aparece fincada em um monte rochoso e é apinhada por inúmeros espinhos esculpidos no mármore branco. Esse elemento, devido sua capacidade de causar ferimentos, pode significar obstáculos, dificuldade, tristeza, tribulação e também o pecado. Nas narrativas cristãs, antes da crucificação, o filho de Deus foi coroado com uma coroa de espinhos como forma de caçoar de sua realeza. Os espinhos também estão associados ao martírio dos Santos (FACULDADE SÃO BASÍLIO MAGNO, 2020).

Comprendemos que os elementos que adornam as duas cruzes estão mais voltados para reflexão, dor e perdão, valores que fazem parte do imaginário cristãos que estão relacionados a crença na vitória sobre o pecado e vida eterna. Essas ultimas cruzes são bastante raras nos cemitérios piauienses, até o presente momento foram encontradas apenas no Cemitério da Igualdade de Parnaíba.

Por fim, a cruz também é um elemento central na alegoria da fé. As alegorias são uma espécie de substituição imagética de uma ideia. Com o advento do romantismo, as alegorias, comumente representadas por figuras femininas ou anjos, passaram a designar emoções e sentimentos como a dor, a desolação, a alegria, a tristeza e a esperança (BELLOMO, 2008, p.18-19). A Fé é uma das virtudes teologais, ou seja, um dos fundamentos do agir moral dos cristãos “é representada pela cruz, às vezes também aparecendo com a estrela, que é o símbolo da esperança. É a esperança enraizada na fé” (LEITE, p. 115)

Em nossa trajetória de pesquisa, até o momento, encontramos apenas três exemplos desse tipo de alegoria<sup>11</sup>. No cemitério de São Pedro de Alcântara, o monumento erigido sobre a sepultura de Tenente Coronel Theodoro da Silva Ribeiro chama atenção por sua peculiaridade em meio as demais construções.

---

<sup>11</sup> Uma foi encontrada no cemitério da Igualdade em Parnaíba. Trata-se da cópia de uma escultura encontrada em outros cemitérios brasileiros que consiste em uma mulher com vestes clássicas que agarra de forma lateral uma cruz latina. A outra foi encontrada no cemitério Campo da Saudade em Piracuruca.

# HISTÓRIA, CRISE AMBIENTAL E VULNERABILIDADES SOCIAIS

PUC Goiás / 2 a 6 de maio de 2022/ Formato híbrido



Figura 05- Monumento erigido sobre a sepultura de Tenente Coronel Theodoro da Silva Ribeiro (1836-1906). Cemitério São Pedro de Alcântara, Florianópolis - PI, 2022. Fonte: Mariana Antão de Carvalho Rosa.

Trata-se de um anjo altivo e jovem. Ele usa uma vestimenta clássica e longa que é demarcada por um tipo de cos largo e trabalhado. Acima da cintura há a simulação de um caimento folgado que não permite a demarcação do corpo e lembra a indumentária grega antiga. Os mangas largas são presas na altura do ombro com uma espécie de botão ou fivela arredondada. Quanto a posição em que se encontra, o anjo parece caminhar pois o pé direito está à frente e a mostra, como se vencesse, pouco a pouco, as pedras de uma montanha. Embora o braço direito esteja quebrado é possível perceber que, originalmente, estava apontado para o alto. Com seu outro braço ele segura uma cruz latina ornamentada com folhas e flores que brotam na base da cruz e se ramificam por todo seu comprimento. O anjo parece olhar para a sepultura. Os cabelos são médios e ondulados. Ele possui asas em posição de descanso que se estendem quase até o comprimento da panturrilha onde fazem uma leve inclinação para a frente. O anjo da fé está representado ali “como sentinela mediadora que vigia o corpo, anunciando o caminho ascendente para a salvação escatológica.” (CATROGA, 1999, P.113)

# HISTÓRIA, CRISE AMBIENTAL E

# VULNERABILIDADES SOCIAIS

PUC Goiás / 2 a 6 de maio de 2022/ Formato híbrido

## 4. Conclusão

Em meio ao universo de possibilidades a serem exploradas no âmbito da arte cemiterial, escolhemos analisar a iconografia religiosa, mais especificamente, as formas de cruzes, encontradas nos cemitérios piauienses oitocentistas como forma de conhecer, ainda que de forma bastante fragmentar, o imaginário de parte das sociedades que os produziram.

De modo geral, os lugares de sepultamento, bem como o imaginário sobre a morte e o morrer, foram perpassados por um longo percurso histórico onde observamos mudanças processuais nas relações dos homens com esses espaços. O século XIX foi um marco fundamental no âmbito dessas alterações, principalmente, quando ocorreu a implantação legal das teorias iluministas e do cientificismo. Esse foi também o período de avanço da secularização e da medicina que militou sobre a necessidade de afastar vivos e mortos.

No entanto, quando ocorreu a efetiva proibição de inumar nas igrejas, parte do mobiliário que pertencia a esses espaços foi reproduzidos nos campos de enterramento. A presença de cruzes, santos, imagens marianas e outros elementos da iconografia cristã bem como a centralidade do cruzeiro nos cemitérios apontam para a apropriação cristã, sobretudo católica, desses espaços que também se tornaram sagrados.

As diversas formas de cruz, por sua vez, apresentam diferentes leituras e significados relacionados a forma de assimilação da morte vivenciadas por aquela sociedade. Como exemplo, as flores, coroas, pássaros e laços são representativos da alegria divina, do afeto, da reconciliação com cristo. Por outro lado, os espinhos e panos, que velam a cruz estão associados a uma atmosfera de dor, contemplação e reflexão.

Quando a cruz aparece carregada por um anjo ou por uma mulher, temos a alegoria da Fé, associada, no âmbito da escatologia cristã, à superação do pecado e à crença na vida eterna. Como forma de representação iconográfica do imaginário e anseios religiosos de uma determinada época, a arte cemiterial desempenhou o papel de espoliadora do caráter indecifrável e áspero da realidade material da morte. A crença na ressurreição e no início de um novo ciclo foi desenhada em cada espaço dos campos de enterramento.

# HISTÓRIA, CRISE AMBIENTAL E

# VULNERABILIDADES SOCIAIS

PUC Goiás / 2 a 6 de maio de 2022/ Formato híbrido

## Referências

SOBRENOME, nome. **Título principal em negrito**: subtítulo sem negrito. Cidade: Editora, ano.

ARIÈS, Philippe. O homem diante da morte. Rio de Janeiro: F. Alves, 1990.

BELLOMO, Harry Rodrigues. Cemitérios do Rio Grande do Sul: arte, sociedade, ideologia. 2. ed. Porto Alegre: EDPRCRS, 2000.

BORGES, Maria Elizia Borges. Arte Funerária no Brasil (1890-1930):Ofício de Marmoristas Italianos em Ribeirão Preto. 2.ed. Gráfica UFG: Goiânia, 2017.

CATROGA, Fernando. O céu da memória: cemitério romântico e culto cívico dos mortos. Coimbra: Minerva, 1999.

DALMÁZ, Mateus. Símbolos e seus significados na arte funerária cristã do Rio Grande do Sul. In BELLOMO, Harry Rodrigues. Cemitérios do Rio Grande do Sul: arte, sociedade, ideologia. 2. ed. Porto Alegre: EDPRCRS, 2000.

DICIONÁRIO DOS SIMBÓLOS. Laço, 2022. Disponível em: < <https://www.dicionariodesimbolos.com.br/laco/> >. Acesso em: 13 junho. 2022.

DICIONÁRIO DOS SIMBÓLOS. Flor, 2022. Disponível em: < <https://www.dicionariodesimbolos.com.br/flor/> >. Acesso em: 13 junho. 2022.

FACULDADE SÃO BASÍLIO MAGNO. 32 Sinais e símbolos no cristianismo, 2020. Disponível em: < <https://fasbam.edu.br/2020/07/08/32-sinais-e-simbolos-no-cristianismo/> >. Acesso em: 13 junho. 2022.

LEITE, Daniel T. Meirelles. Alegorias nos cemitérios do Rio Grande do Sul. In BELLOMO, Harry Rodrigues. Cemitérios do Rio Grande do Sul: arte, sociedade, ideologia. 2. ed. Porto Alegre: EDPRCRS, 2000.

PANOFSKY, Significados nas Artes Visuais. São Paulo: Perspectiva,1976

REIS, João José. *A morte é uma festa: ritos fúnebres e revolta popular no Brasil do século XIX*. 1.ed., 6ª reimpressão. São Paulo: Companhia das Letras, 1991.

REIS, João José. *O Cotidiano da Morte no Brasil Oitocentista*. In ALENCASTRO, Luiz Felipe de (org.). *História da Vida Privada no Brasil*. 2. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

RODRIGUES, Cláudia. Lugares dos mortos na cidade dos vivos: tradições e transformações fúnebres na Corte. Rio de Janeiro, Secretaria Municipal de Cultura, Divisão de Editoração. Coleção Biblioteca Carioca. 1997.

**HISTÓRIA, CRISE AMBIENTAL E**

**VULNERABILIDADES SOCIAIS**

**PUC Goiás / 2 a 6 de maio de 2022/ Formato híbrido**

VALLE, S. “Velatio” das imagens. SERVIÇO DE ANIMAÇÃO LITURGICA, 2017. Disponível em: <<http://liturgiasal.blogspot.com/2017/03/velatio-das-imagens.html>>. Acesso em: 13 junho. 2022.